

A INFÂNCIA NA ESCRITA DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PIAUIENSE (1930-1960)

Roberto Kennedy Gomes Franco¹

Universidade Estadual do Piauí – kennedyfranco@hotmail.com

Nossa Escrita da História da Educação Piauiense deseja revisitar as lembranças (orais e escritas) dos tempos de criança na cidade de Esperantina. Para tanto, analisaremos como a estética da infância (re)agiu à emergência da modernidade, manifesta simbolicamente, entre outros elementos, com a criação e construção do Grupo Escolar David Caldas, primeira escola pública a ofertar o ensino primário na cidade.

Nestes tempos, com a “democratização” da “instrução pública” às formas da cultura, aleatoriamente interiorizaram a construção de nova ordem social. Antagonizando-se ao rural, o urbano foi celebrado como caracterizador de uma sociedade “moderna” e “progressista”. Personificada pela “cultura civilizada”, a educação pública, sugeriu uma nova mentalidade histórica para o jeito de ser criança, fazendo emergir novas sociabilidades. No Estado do Piauí a educação pública passa a ser tida como um dos novos dispositivos que fecundaria o projeto de modernidade² e transmutação sociocultural.

Notamos tal dinâmica se manifestar para a época, através de uma ação empreendedora do governo, onde os aspectos atrelados ao “progresso” e ao “desenvolvimento”, eram materializados pela modernização dos costumes (higiênicos, educacionais, habitacionais, econômicos, relacionais, etc.), e ainda, a modernização dos espaços, viabilizada pela construção de obras públicas diversas: estradas, pontes, praças, prédios (mercados, escolas, hospitais) e novas cidades como Esperantina.

Em síntese a emergência histórica da cidade de Esperantina, situada à 180 km ao norte da capital Teresina, vem das fazendas de Gado do Rio Longá no Estado do Piauí. Habitada antes pelos nativos Alongares, virou sítio, povoado, e, em 1920, Vila do Retiro da Boa Esperança³, em 1939, resultante de próspero florescimento tornou-se Cidade⁴.

No Piauí do pós-30, desfrutava posição destacada, sendo pólo urbano da micro-região do baixo Parnaíba, pouco a pouco, ao modernizar-se, vai concentrando comércio extrativista, agricultura, pecuária, indústrias, estradas, pontes e escolas, envolvendo o contingente populacional circunvizinho.

Para Monarcha (2001) nesse longo período de consolidação do regime republicano em nosso país, conferiu-se uma maior visibilidade e centralidade à infância, colocan-

do-se em primeiro plano a problemática relativa ao cultivo das gerações mais novas e objetivando sua inserção na esfera pública, isto é, no mundo dos adultos.

Vinculada a esta reflexão, nossa proposta de pesquisa historiográfica agrega-se ao debate epistemológico desencadeado pela “expansão do ofício de historiar” (BURKE, 1992) e pelo campo da História da Educação, no que se refere à “multiplicação dos seus objetos, metodologias, abordagens e temas” (LE GOFF, 1990), como o da “história social da criança e da família” (ARIÈS, 1981), almejando uma abordagem de cunho sociocultural, o que na prática da pesquisa em história, significa desenvolver procedimentos interpretativos que possibilitem a emergência de uma elasticidade da “escrita da história” (CERTEAU, 2000).

No que diz respeito à pesquisa histórica aplicada a infância piauiense, em nosso quadro teórico, emerge como categoria histórica, constituída no cotidiano das relações sociais, aparecem como sujeitos do ontem que nos provocam a pensar sobre o hoje e a sonhar com o amanhã, a infância como uma experiência individual e coletiva, constituída nos espaços vividos e marcada pelos símbolos sociais.

É necessário ainda, demarcar que situamos as reflexões sobre esta pesquisa na rede de interdependências (ELIAS, 2001) entre: infância, cidades e modernidade; neste sentido buscaremos compreender o processo de transformação do rural em urbano e, por conseguinte, a constituição e afirmação da identidade urbana na Vila de Nossa Senhora da Boa Esperança.

O ponto de mutação desta metamorfose sócio-cultural emergiu através da institucionalização de novos padrões culturais, estabelecidos por uma “teia de significados” (GEERTZ, 1989), dos modos de ser e estar da identidade local piauiense.

A este respeito, segundo Castelo Branco (2005, p. 100, 102, 103):

[...] à idéia de modernizar as estruturas sociais do Piauí passarão a incentivar e a divulgar a vivência cotidiana de novas práticas, de transformar as estruturas sociais, assumindo papel importante na mudança da percepção da infância, à medida que passam a desenvolver intensa prática discursiva, escriturando, criando um saber, uma verdade sobre a infância, que seria legitimada pelo crivo da ciência, da formação superior, e da palavra escrita. [...] O poder público deveria chamar para si à responsabilidade de educar as crianças, buscando com essa

política diminuir o poder dos grupos familiares sobre a formação de meninos e meninas, esvaziando práticas cotidianas rurais [...] os corpos aparecem como construção, aptos a movimentarem-se no mundo moderno, disciplinados [...]

Remodelamento a estética da infância, a partir das manifestações sócio culturais do ensino público primário obrigatório, veiculado pelo Grupo Escolar David Caldas, o objetivado em nossa interpretação, era materializar, particularmente na cidade de Esperantina, o ideal de modernidade, urbanidade e civilidade, germinando uma nova cultura no tecido social camponês esperantinese piauiense.

Para aqueles que tiveram a oportunidade de acesso, ou seja, que experimentaram a “educação como cultura” (BRANDÃO, 2002) no município de Esperantina, entre os anos 1930 a 1960, o colégio, tornou-se centro de “integração social” da criança, com a função de oferecer uma educação básica coadunada à moderna rede de relações educacionais dos “parâmetros” da “Norma Culta da Língua”.

Colaborando com nossa proposta, Hobsbawm (1995), afirma que a cultura jovem tornou-se a matriz da revolução cultural no sentido mais amplo de uma revolução nos modos e costumes, formando cada vez mais a atmosfera respirada por homens e mulheres urbanos.

Desse modo, a infância e sua educação pública nos grupos escolares, são entendidas não somente como relações de produção de um determinado tipo de “saber”, mas como lugar de culturas, histórias e memórias das múltiplas dimensões do viver.

Neste sentido, pensamos cultura como experiência social que se faz histórica, na medida em que sujeitos históricos vivenciam as tramas da vida cotidiana, organizam sua vida num conjunto de práticas, como: pensamentos, idéias, sentimentos; em relações de reciprocidade e de interesses, organizações familiares e de parentesco, nas relações de trabalho; nas formas de exercícios e (des)estruturação de poderes, nas relações de dominação e de resistência; enfim, nas diferentes formas de sociabilidades que têm sido engendradas historicamente como necessidades e valores, para a infância e sua educação.

Nosso interesse pela oralidade dos tempos de criança se processa à medida que ela permite obter e fundamentar análises históricas com base na criação de fontes inéditas. Tal perspectiva aplica-se para a “escrita da história” (CERTEAU, 2000) da infância e sua educação nos Grupos Escolares Piauienses, que ao longo de sua emergência

histórica, nas vilas e cidades piauienses, transmitiram e desenvolveram simultaneamente conhecimentos, atitudes, sentimentos e valores em que se exprime e mediante os quais se consolidam determinadas representações culturais da existência social de meninos e meninas.

Tendo em vista esta experiência coletiva que se fez e refez, coloca-se a necessidade de ouvirmos seus inéditos depoimentos. Para tanto, utilizaremos o referencial teórico e metodológico de Paul Thompson (1992); Montenegro (1992); Bosí (1994, 2003) e Meihy (2005).

Sendo assim, em concordância com Monarcha (2001) a história oral surge como uma possibilidade de trazer à tona e registrar o que há muito as pessoas sabiam, falavam, vivenciavam, por intermédio de suas experiências, suas histórias pessoais e das relações estabelecidas pela sociedade.

Dessa forma, no pós-30, o Grupo Escolar David Caldas evidencia-se como núcleo irradiador da educação pública primária em Esperantina, assim bem como para a conjuntura do Estado do Piauí, sua arquitetura, com traços característicos das décadas de 1930/60, guardadas as devidas proporções, perfila-se no mesmo estilo arquitetônico de muitas outras escolas edificadas por todo o Estado e de grande parte do país; um símbolo, portanto do processo de interiorização e instalação das escolas públicas primárias.

A arquitetura escolar em si, passa a ser condicionadora de normas e regras implícitas e explícitas, conduzindo os sujeitos que dela vão “usufruir”, a sistematizar valores, como os de ordem/disciplina/vigilância. A própria localização do edifício escolar é pensada criteriosamente para que pertença há um programa cultural e pedagógico comportado pelo espaço.

A este respeito, Freitas (2003, p. 112, 113, 122), afirma que:

Ao construir um edifício para abrigar uma escola destinada à formação dos novos e à produção e divulgação da alta cultura e à instrução das crianças [...] a arquitetura transformara-se em pedagogia eloqüente que ensina aos indivíduos os princípios da sociedade perfeita [...] uma arquitetura escolar que, reunindo o grandioso e o funcional, promove a construção de uma imagem de criança.

Através de uma ação empreendedora do governo, a obra pública de criação e construção do Grupo escolar David Caldas, símbolo de modernidade, passa a manifestar o interesse do Estado pela cidade de Esperantina, ao oferecer um

“colégio moderno, não apenas de ensino, mas de vigilância e enquadramento, um instrumento para a educação da infância” (ARIÈS, 1981).

Coadunada a esta dinâmica em 1929, chega à Vila da Boa Esperança (Esperantina) a primeira professora formada, a normalista Maria de Jesus Carvalho, que, em 1930, passou a lecionar e dirigir em uma sala de improvisado o recém criado Grupo Escolar David Caldas.

De acordo com Lopes (2002, p. 71, 72):

[...] a Escola Normal servia para formar professoras modernizadoras da sociedade piauiense. [...] O grupo escolar foi o lugar tomado como natural para a ação dessa docente [...] Escola modernizada e modernizante, o grupo escolar, tornou-se o espaço específico da ação dessas professoras, postas pelo sistema escolar como qualificadas para o exercício da modernidade e renovação das práticas pedagógicas no Piauí [...] o grupo escolar tornou-se o ponto de convergência da ação da normalista e do moderno em educação [...] superando o modelo considerado antiquado da casa-escola [...]

Revisitando suas memórias dos tempos de criança em Esperantina, Pereira (1996) afirma que os mestres-escolas simbolizavam uma fase anterior às inovações do ensino na região, uma época onde tudo era de difícil acesso, principalmente nas regiões distantes dos povoados, fazendas e sítios.

Em Esperantina (ainda povoado), a dinâmica educativa, até o início da década de 1930, era incipiente, tendo como alternativa para a ausência de uma política pública direcionada ao serviço educativo, a figura do mestre-escola, que assumia a responsabilidade pela educação dos filhos, netos e agregados das casas de fazenda de gado.

A figura do mestre-escola era bem freqüente na zona rural, aonde iam “disarmando” a garotada da forma como fosse possível e na maioria das vezes com métodos que para nós hoje parecem esdrúxulos, mas que se contextualizados à dinâmica espaço-temporal específica são plenamente compreensíveis.

As falas governamentais do Piauí por esta época também sinalizavam suas preocupações com o ensino, especialmente em relação aos mestres-escola e a necessária modernização dos métodos de ensino. Este cenário incipiente em relação à demanda populacional em fase de escolarização no Piauí é relatado pelo Governador do Estado em 1930, o Dr. João de Deus Pires Leal (1928-1930), em Mensagem Gover-

namental, assim comenta: “a instrução pública primária é actualmente ministrada no Estado em 20 grupos escolares, incluída nesse número a escola Modelo da capital”⁵.

Envergadura tímida em relação as reais necessidades do Estado, o que desvela a carência e a acentuada preocupação com a expansão da oferta de ensino público primário por todo o Piauí.

Buscando alterar este quadro, os governantes, em todo o país, levantaram a bandeira da educação, que era vista como elemento primordial para a modernização da sociedade brasileira. Acreditamos que o Grupo Escolar David Caldas, no pós-30, localizado na cidade de Esperantina, agregou-se a tal dinâmica, evidenciando-se como núcleo irradiador físico e simbólico da cultura no Estado do Piauí, a construção de modernos prédios escolares representou uma mudança de mentalidade, tingindo com novas cores a estética da infância.

No campo educacional estas são reflexões fundamentais, uma vez que o Estado brasileiro passa a investir massivamente na estruturação das instituições de ensino. No Pós-30, com Getúlio Vargas na presidência e Leônidas de Castro Melo como Interventor no Estado do Piauí, é criado o Ministério da Educação e Saúde e, a partir daí, uma nova política educacional é desenvolvida na teia de relações socioculturais.

Desta forma as propostas de modernização da sociedade brasileira e piauiense passa a ter como ponto fundamental a educação, a partir de então, o número de matrículas ofertadas pela escola pública primária, através da construção dos Grupos Escolares, têm um crescimento significativo na vida das vilas e cidades piauienses.

Nas estatísticas oficiais, observadas nas Mensagens Governamentais do Estado, podemos perceber no pós-30, crescimento acentuado no número de matrículas. Em 1930 teriam sido 7.397 alunos; em 1933, 15.000; em 1937, 32.383; e em 1940, 39.882.

A idéia de progresso impregnava-se aos discursos generalizadamente, as ações governamentais trabalhavam com projeto de modernidade dos espaços (públicos e privados) e costumes socioculturais nas vilas e cidades do Estado do Piauí, que neste instante, passam a ser beneficiadas pelas tendências à urbanização, e ao desenvolvimento comercial.

De forma complementar ao nosso discurso sobre a educação, Foucault (2004) comenta que todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou modificar a apropriação dos discursos, seguindo em sua distribuição as linhas marcadas pelas oposições e lutas sociais.

O discurso presente nas fontes (orais e escritas) sobre a necessidade da educação pública primária no Estado, personalizada pela proliferação dos Grupos Escolares, fez circular novas maneiras de produção das condições objetivas e subjetivas da cultura, atingindo radicalmente as formas de ser criança no Piauí.

Este processo contribuiu para a integração do Piauí na tendência nacional modernizadora dos espaços e costumes socioculturais do pós-30, fazendo emergir novas sociabilidades em regiões pouco ou quase nada urbanizadas e/ou industrializadas como a cidade de Esperantina.

Vemos assim a consolidação do papel do Estado Novo, que mediado pela educação “moderna”, busca, conforme (RAGO, 1997), interiorizar novos comportamentos, ao desenraizar hábitos tradicionais, onde o papel da nova escola, era dizer o que é a criança, definir seus contornos, impondo uma infantilização exterior, higienizando a cultura, ao transformar hábitos cotidianos rurais.

O estudo de caso acerca da construção histórica da infância e da vida escolar desses jovens, em suas singulares histórias de vida fez emergir na pesquisa a construção da memória histórica sobre este tempo vivido e sobre o processo de instalação das Escolas Públicas Primárias, eram alunos e alunas das mais variadas idades e necessidades no Estado do Piauí.

Acreditamos que este processo inédito na cidade de Esperantina, revisitado pelos vestígios culturais da educação do animal humano piauiense, poderá desvelar o ponto de mutação na trajetória da infância de múltiplos meninos e meninas, contribuindo assim para lembrarmos alguns capítulos da história e da memória da “infância e sua educação” (FARIA FILHO, 2004) no Estado do Piauí.

Referências Bibliográficas e Fontes

- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Trad. Dora Flaksman. 2ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.
- BAUDELAIRE, Charles. **Sobre Modernidade: o pintor da vida moderna**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. (coleção leitura).
- BENJAMIM, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. – 7ª ed. – São Paulo, 1994. (Obras escolhidas).
- BERMAN, M. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a invenção da modernidade**. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade – lembranças de velhos**. 3ª ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.
- BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A educação como Cultura**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2002.
- BURKE, Peter (org.). **Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro**. IN: A escrita da História: novas perspectivas. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.
- CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. Com afeto e disciplina: a invenção da infância entre a literatura e a história. IN: CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar; et al. **História: cultura, sociedade, cidade**. Recife: Bagaço, 2005.
- CERTEAU, M. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.
- ELIAS, Norbert. **A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2001.
- FARIA FILHO, Luciano Mendes de. **A Infância e sua educação: materiais, práticas e representação (Portugal e Brasil)**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- FOUCAULT, Michael. **Ordem do Discurso**. São Paulo, Loyola, 2004.
- FRANCO, Roberto Kennedy Gomes. **Raízes & memórias: o florescimento histórico-educativo em Esperantina (1930-1960)**. Teresina: UFPI, 2004. (Dissertação de Mestrado).
- FREITAS, M. C.(org.) **História social da infância no Brasil**. São Paulo: Cortez, Bragança Paulista: USF-IFAN, 1997.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: editora S.A, 1989. LTC – Livros técnicos e científicos.
- HOBBSAWN, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX: 1914/1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- LE GOFF, Jacques. **A história nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**/Tradução Bernardo Leitão ...[et.al.]. – – 4ª ed. Campinas: editora da Unicamp, 1996.
- LOPES, Antonio de Pádua Carvalho. Uma Ascensão lenta, mas sem abalos: modernidade, reforma e progresso na instrução pública piauiense na primeira república. IN: CALVALCANTE, Maria Juraci Maia; et al. **História e memória da educação no Ceará**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2002.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom (org.). **Manual de história oral**. 5ª E.d revista e ampliada, edições Loyola, S.P, 2005.
- MONARCHA, Carlos(org.). **Educação da infância brasileira: 1875-1983**. Campinas. SP: Autores Associados, 2001. Coleção educação contemporânea).
- MONARCHA, Carlos(org.). **Educação da infância brasileira: 1875-1983**. Campinas. SP: Autores Associados, 2001. Coleção educação contemporânea).

MONARCHA, Carlos. Arquitetura escolar republicana: a escola normal da praça e a construção de uma imagem de criança. In: FREITAS, M. C.(org.) **História social da infância no Brasil**. São Paulo: Cortez, Bragança Paulista: USF-IFAN, 2003.

MONTENEGRO, Antônio Torres. **História oral e memória: a cultura popular revisitada**. São Paulo: Contexto, 1992. Caminhos da História.

PEREIRA, Antônio Sampaio. **Velhas escolas: grandes mestres**. Teresina: COMEPI, 1996.

PIAUHY, Governador (João de Deus Pires Leal). **Mensagem Governamental** apresentada à Câmara Legislativa do Estado do Piauí a 1ª de junho de 1930, pelo Governador, Exmo Sr. Dr. João de Deus Pires Leal. Teresina, Imprensa Oficial. Piauí. Decreto Lei Estadual N° 970.

Piauí. Decreto-Lei N° 147, 1938.

RAGO, Margareth. **Do Cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

SILVA, J.B. (org.). **A Cidade e o urbano: temas para debate**. Fortaleza: EUFC, 1997.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

NOTAS

¹ E-mail: **kennedyfranco@hotmail.com**.

² Tomamos como base, a respeito de modernidade e modernização os autores: (BERMAN, 1987); (LE GOFF, 1996); (BENJAMIM, 1994); (BAUDELAIRE, 1996) e (SILVA, 1997).

³ Piauí. Decreto Lei Estadual N° 970.

⁴ Piauí. Decreto-Lei N° 147, 1938.

⁵ Mensagem apresentada à Câmara Legislativa do estado do Piauí, a 1ª de junho de 1930, pelo Governador, Exmo Sr. Dr. João de Deus Pires Leal.